

SALA DE ARTE: A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO

Josiane Maria Krauze da Silva¹

RESUMO

Este artigo resulta da experiência desenvolvida na pesquisa-ação realizada nos anos de 2008 e 2009, na rede estadual de ensino, a partir do projeto: “Sala de Arte: a importância do espaço”. Tem como ponto de partida a investigação das implicações da montagem de um ambiente adequado à realidade escolar, ampliando-se para a revisão de concepções e significados sobre a situação da disciplina de Arte, a legislação vigente e a importância do espaço físico para a condução do trabalho pedagógico do professor no contexto educacional.

Palavras-chave: Sala de Arte. Legislação. Ensino de Arte.

ABSTRACT

This article results from an experience developed on a action-research realized in 2008 and 2009 years, on “Rede Estadual de Ensino”, from a project: “Sala de Arte: a importância do espaço”. It starts with the involvements of making of an appropriate space to reality school, extending to the revision of conceptions and significances about the situation of Arts matter, the legislation in effect and the importance of space to guide pedagogical work of teacher on a educational context.

Key-words: Arts room, Legislation, Teaching arts matter.

1 INTRODUÇÃO

Concepções e idéias não surgem do nada, o homem está constantemente percebendo, analisando, interpretando e, principalmente, transformando-se diante da complexidade da evolução. Com essas contínuas mudanças, identifica-se um descompasso entre o mundo e a escola. A instituição educacional tem ocupado um

¹ Josiane Maria Krauze da Silva, professora participante do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, pós-graduada em Educação Especial - Inclusão pela Universidade Federal do Paraná - UFPR e Artes Plásticas pela Faculdade de Educação São Luis – Jaboticabal, São Paulo, graduada em Educação Artística pela UFPR e licenciatura plena em Artes Plásticas pela Faculdade Miguel Mofarrej, Ourinhos, São Paulo.

lugar retrógrado na evolução da sociedade, pois, não está conseguindo envolver o educando para o olhar da grandiosidade existente na formação educacional, apesar dos grandes esforços disponibilizados para tal. Desta forma, como desafio para a inovação e a busca de melhores soluções para os contextos escolares do Paraná, por meio do incentivo ao desenvolvimento de ações sistematizadas, a Secretaria de Estado da Educação – SEED implementou o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE².

Este programa tem sido uma possibilidade para experiências enriquecedoras na área de Arte e permitiu a aproximação entre a prática cotidiana do docente e a metodologia científica orientada pelas Instituições de Ensino Superior.

Segundo ZAMBONI (1998, p.19), a Arte é imanente à Ciência, ambas irrompem com paradigmas, negando que áreas do conhecimento fiquem limitadas a padrões estabelecidos, pois o lado racional e o intuitivo se complementam por meio de trocas aproximando-lhes. Esta aproximação provoca um ajuste à atividade do pensamento que mescla todas as formas de conhecimento do homem. O ensino da Arte precisa ser sistematizado e organizado racionalmente, para possibilitar a intuição e a criatividade, que não são mensuráveis e o desenvolvimento do conhecimento.

Utilizando a metodologia científica participante, este texto relata a experiência desenvolvida nos anos de 2008 e 2009, a partir do projeto: “Sala de Arte: a importância do espaço”. A pesquisa-ação, de acordo com ENGEL (2000, p.1), prescreve que por meio dela se procura uma interferência na prática, mas que ocorre de maneira inovadora, durante o próprio desenvolvimento do processo e com a participação de vários atores da comunidade escolar, portanto com envolvimento coletivo.

É importante apontar que por meio da complementação entre o estudo científico racional e o intuitivo presente na Arte, é que foi possível fruir e estabelecer resultados bastante contributivos para a área, que transpuseram os muros da instituição de ensino.

Da necessidade da integração entre teoria e prática, de uma situação específica e única, ampliou-se para um instrumento avaliativo de condutas, do

² PDE: “É uma política pública que estabelece o diálogo entre professores das Instituições de Ensino Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas orientadas, tendo como resultado a produção do conhecimento e mudanças qualitativas na prática escolar da escola pública paranaense” (PARANÁ, 2006).

desfazer preconceitos existentes, do desenrolar das limitações à inovação, da conscientização da necessidade de investimento em recursos físicos, humanos e materiais, com a interpretação da legislação, para a análise da situação da disciplina de Arte e suas relações curriculares visando o reconhecimento e sua valorização na sociedade contemporânea.

No método da pesquisa-ação, como forma de ações humanas, situou-se primeiramente o ensino da Arte no ambiente educacional, percebendo-se vários aspectos suscetíveis à mudanças de paradigmas.

De acordo com esse método, como forma situacional, discutiu-se o espaço arquitetônico, suas influências sobre o indivíduo, bem como, o espaço físico para a disciplina de Arte. Dessa forma, no âmbito legislativo, enfocou-se no que está previsto para a disciplina pelos Conselhos Nacional e Estadual de Educação e o contido nas Diretrizes Curriculares Estaduais.

Destarte, conforme o caráter cíclico da pesquisa, tratou-se do relato da construção da sala de Arte no Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo – Ensino Fundamental e Médio, do município de Curitiba, as implicações envolvidas nessa montagem e o aprimoramento dos resultados citados nas fases anteriores. Sem afastar-se do aspecto pedagógico, fundamentou-se o trabalho do professor na instituição de ensino, com leituras e discussões sobre textos informativos e dissertativos.

Simultaneamente, realizou-se uma enquete com professores da disciplina de Arte, por meio de questionário virtual e presencial, objetivando a coleta de material para análise e interpretação de dados e gráficos sobre a disciplina, os contextos escolares em que estão inseridos, a condução das suas práxis e a troca de experiências enriquecedoras.

Este artigo aponta para um novo horizonte nas relações entre a escola e a disciplina, com questionamentos, análises e reflexões que geralmente passam despercebidas pela comunidade escolar, pela mantenedora, pelos órgãos normativos e até mesmo pela sociedade. Estes fatores são fundamentais para o desenvolvimento da formação do aluno com vistas a provocá-lo se tornar um agente transformador, um sujeito cidadão com autonomia e consciência de sua posição na contemporaneidade.

2 O ENSINO DE ARTE

Por meio desta pesquisa, foi possível compreender que a Arte é necessidade do ser humano, envolve a cada um de maneira específica e todos pela representação universal. Sendo de todos, é da sociedade. E sendo da sociedade, é fonte de comunicação, de conhecimento científico e intuitivo, de humanização, de socialização e de educação. Deve promover a oportunidade sem discriminação e, para tal, depende de que sejam disponibilizados instrumentos favorecedores da sensibilização e da formação. Como fonte de equilíbrio, é imprescindível ao homem para a consciência crítica da contemporaneidade, pois, o isolamento do sujeito e a falta de sua privacidade o fez perder o controle de sua própria vida.

Ao situar o indivíduo e sua formação, observou-se os apontamentos de BORGES e SERRÃO, situando a pesquisa e a leitura da obra de Arte que representam o “questionamento, a busca, a (re) descoberta, o despertar da capacidade crítico-analítica do pensar artístico e da percepção estética e nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor” (2009, p.335). Um ser que tem condições de ampliar seu horizonte para construir um mundo melhor, tendo a Arte como parceira.

Nesta concepção, entendeu-se que a Arte é complexa e precisa ser direcionada favoravelmente para que o sujeito realmente consiga alcançar resultados expressivos. Um mau direcionamento pode provocar um retrocesso de toda uma luta histórica e uma desconexão do seu reconhecimento diante da sociedade.

A Arte está em todo lugar e segundo HERNANDEZ (2000, p.27), está situada no campo das comunicações, do audiovisual, da internet, da gestão de museus como espaços de consumo, da publicidade e do aluno como consumidor e produtor de imagens, enfocando a sua importância e presença no mundo. Portanto, inserida no contexto da contemporaneidade. O autor afirma também, como parte da educação escolar, que deve-se buscar a formação integral, contrapondo-se à dominação político-econômica globalizada que valoriza o consumo, a fragmentação e a alienação do indivíduo.

Propôs-se ao professor de Arte, a partir dessas concepções, que a Arte como representação da vida, contribua para a transformação da sociedade por meio da produção do indivíduo, seja pela educação formal ou informal. O indivíduo é um ser

complexo e tem múltiplas formas de aprendizagens, é capaz de abstrair, simbolizar, criar no seu tempo histórico de acordo com sua cultura, contextualizar no entorno, no comportamento coletivo, pois por meio da Arte consegue desenvolver muitas maneiras de ver, sentir e perceber o mundo.

Como forma de ver no contexto da educação institucionalizada, DENARDI apontou que: “A educação é um conjunto de ações intencionais e sistemáticas, e não um fenômeno natural e espontâneo” (2009, p.5). Para a autora, a partir dessas concepções é que a disciplina passou a ser entendida como área do conhecimento. Ao ser compreendida dessa forma, a Arte precisa ser regulamentada e sistematizada no currículo e na legislação, para não permitir mais interpretações errôneas e deficitárias por parte da comunidade escolar e da sociedade.

Para valorizar sua identidade educacional, o ensino da Arte precisa ser norteado por um currículo integrador. Um currículo que permita à comunidade escolar, além da educação do olhar, maior participação na construção desse processo do conhecimento pelo caráter inovador, um currículo realmente conectado à sociedade, que permita ir além dos limites da sala de aula tradicionalmente instituída, inserindo-se no entorno, no mundo e na cultura.

Abordando esse entendimento, enfocou-se o que está contido nas Diretrizes Curriculares de Arte para o Ensino Fundamental e Médio da rede estadual do Paraná, como segue: “concebem o conhecimento nas suas dimensões artística, filosófica e científica, e articulam-se com políticas que valorizam a arte e seu ensino na rede estadual do Paraná” (2008, p.7). Essas discussões têm fundamento nas concepções da estética e da produção artística como conhecimento, como trabalho criador, como ideologia e como humanização, entendendo-se que não existe conhecimento pleno com concepções fragmentadas, pois uma complementa a outra e todas constroem a capacidade e superação do aluno para a ética e a dignidade.

Ao propor o Ensino da Arte como forma de humanização, as concepções enfocam o trabalho de diferentes pontos de vista: da Arte e do artista, bem como, do espectador no contexto histórico, social, antropológico, econômico e político, cujo trabalho expositivo tem grande relevância seja para a apreciação como para a interação e a fruição. Do ponto de vista da condução do trabalho pedagógico do professor da disciplina, que a Arte possibilite ao aluno a aquisição do conhecimento, compreendendo a diversidade do pensamento e da criação artística, apreendendo o

objeto artístico e relacionando conteúdos da Estética, da Arte e da Cultura nas áreas da Música, da Dança, das Artes Cênicas e das Artes Visuais.

Sabendo-se que o entendimento da classe é pelo ensino de cada área distinta e não pela polivalência, refletiu-se sobre as possibilidades permitidas para as escolas da rede estadual, pois a Arte deve ser trabalhada na área de formação do professor, com abordagens nas outras áreas componentes das Diretrizes Curriculares e o ideal é proporcionar um espaço específico para cada uma delas. Cabe destacar, que este projeto envolveu a área de Artes Visuais e o espaço construído enfocou o trabalho somente nesta área.

De forma específica, constatou-se que a partir do espaço da Sala de Arte, iniciou-se uma transformação fundamental e urgente para a identidade da disciplina com a decorrente promoção dessas concepções. Está implícito possibilitar ao aluno a experiência do trabalho de formação integral, que acontece inicialmente através do domínio da criação, em seguida pela escolha adequada de materiais e instrumentos, da autonomia nas decisões adotadas para o trabalho, e, finalmente, na produção e no destino do objeto que pode ser expositivo.

Compreendeu-se que este processo integrou a teorização que fundamenta e possibilita a apropriação de conceitos e significados, a apreciação que possibilita a fruição e a leitura da cultura visual existente, e, principalmente, o trabalho artístico na prática expressiva. Orientações que têm respaldado o trabalho do professor, norteados essa realização e valorizado a disciplina no contexto educacional. A aprendizagem concreta e significativa tem comprovado a importância do espaço para o desenvolvimento do aluno.

Buscou-se incentivar o professor da disciplina de Arte na instituição por meio da leitura, interpretação e discussão de textos dissertativos e informativos com vistas à fundamentação de seu trabalho, o despertar da criticidade e maior envolvimento com a prática, bem como, de todo o corpo docente e da administração escolar.

Novas concepções estão se desenvolvendo, apesar da realidade ainda difícil para o trabalho com a disciplina de Arte no contexto escolar. Preconceitos que têm dificultado o trabalho inovador do professor, que ao buscar a quebra do convencional do ensino tradicional em suas aulas, provoca “bagunça” e “sujeira”. Preconceitos que limitaram professores a um trabalho fragmentado e de ênfase apenas na teorização.

Outrossim, professores de outras disciplinas utilizaram-se do trabalho artístico, não como forma interdisciplinar, mas para enriquecer sua área de atuação. No entanto, não conseguiram compreender a disciplina de Arte como área do conhecimento, apenas como atividade. Bastou observar a hierarquização das disciplinas nos Conselhos de Classe, o professor de Arte ainda é o último a ser consultado. Ao mesmo, é “sugerida” a atribuição de nota quando o aluno não obteve o mínimo de rendimento necessário para a aprovação.

Apesar de situar a disciplina como Educação Artística e referir-se ao Ensino Fundamental (séries iniciais), PORCHER complementa esta exemplificação, como segue:

A educação artística divide com a educação física o privilégio de serem ambas rejeitadas, explicitamente ou não, ao se ingressar no território da escola. Na hierarquia das disciplinas a serem ensinadas, as nossas situam-se nos degraus mais baixos da escada. O aluno pode dedicar-se às atividades artísticas, dentro da escola, se tiver tempo, ou seja, se tiver terminado todas as outras tarefas – ‘as tarefas importantes. (PORCHER, 1982, p.13).

Face a esta situação, como promover uma transformação? Qual é o ensino que promove o diálogo com o aluno? Qual é o espaço que o habita? São questões importantes que não devem ser esquecidas pelas dificuldades do cotidiano, pois estão presentes na realidade e por meio da consciência e da reflexão contribuem para a melhoria do ensino.

3 O ESPAÇO ARQUITETÔNICO

A arquitetura, segundo ZEVI, relaciona-se com o espaço como forma de interação com o homem. Com o espaço vazio como forma de compreensão sobre o edifício; com o espaço interior como conteúdo e com o espaço urbano como pluralidade de valores. Para ele, “o espaço é o protagonista da arquitetura” (2000, p. 17).

Do ponto de vista da importância do espaço arquitetônico constatou-se a necessidade de reflexão sobre as influências que detém sobre o indivíduo, pois desde que conseguiu desenvolver seu potencial criativo, o destinou ao seu uso

próprio e estabeleceu relações complexas com o tempo e os fatores sociais, econômicos, funcionais, artísticos, espaciais, decorativos, técnicos e educacionais.

No ambiente educacional, foi proposto o espaço arquitetônico como modelo de currículo oculto quando extrapolou o aspecto tridimensional das técnicas construtivas e apresentou questões relevantes pautadas em concepções e ideologias educacionais. Como o ocorrido na escola tradicional, que apresentou um caráter cultural sobre o espaço e uma função predominante no currículo, na aprendizagem e na formação do aluno, numa relação bastante complexa de integração. A geração de adultos de hoje é o resultado desse currículo, desse espaço que impôs normas e passividade.

De acordo com essas afirmações, ESCOLANO citou o espaço educativo sendo um reflexo da pedagogia como um “constructo cultural” que reflete as ideologias predominantes em determinado período da história. É significativa para o currículo, como uma “forma silenciosa de ensino” (2001, p. 21). Para ele, a arquitetura é um currículo oculto que está presente no valor, no estímulo, no conteúdo e na imposição de normas pré-estabelecidas quanto à ordenação de poder.

Destarte, constatou-se que realmente o espaço escolar tem grande influência sobre o desenvolvimento integral do aluno, nas suas condutas e atitudes, nas provocações sofridas pelo e no mesmo, na cultura escolar existente e no processo de aprendizagem.

Para MOGNOL, esta influência produz “marcas nas estruturas mentais” (2007, p. 119). Para ela, a conformação do espaço, socializa e educa, assim como, simultaneamente, situa e ordena, além de interferir dentro e fora da escola, resultando na construção social do indivíduo. A autora argumenta sobre a organização do espaço escolar, onde não se quer mais o ensino tradicional, quanto ao mobiliário enfileirado, as formas rituais, a imposição de valores, condutas e hábitos baseados em regras antinaturais, que têm a função de fiscalizar, controlar, proteger e dominar o aluno.

Compreendeu-se que o indivíduo é fruto do meio em que se desenvolve e da sociedade em que está inserido, apresenta uma dinâmica de tempo e espaço bastante acelerada devido ao contato com a cultura visual existente e com o desenvolvimento tecnológico facilitador do acesso à informação, que devem ser levados em conta no ambiente educacional. A maior integração e diálogo permite

melhor desenvolvimento dessas relações em prol da harmonização e equilíbrio. A escola tem que preparar-se para compreender a situação e superar-se enquanto instituição formativa.

Na fase de implementação do projeto na escola, percebeu-se essa realidade educacional da contemporaneidade, e observou-se o aluno sob novo ponto de vista, não sendo mais participante da escola tradicional para a passividade e para o individualismo. Este ensino direcionado para a estabilidade, não corresponde mais ao interesse do mesmo. E por isso, abordou-se a questão do espaço para Arte como fonte de dinamismo.

Sugeriu-se que por meio da reorganização do espaço, haja possibilidade de um ensino mais contextualizado, que permita a comunicação pela interação, a vivência, a apropriação do conhecimento, a produção e a divulgação de resultados mais significativos. Como as idéias de FRAGO: “A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera fluxos energéticos. Com isso quero dizer, mais uma vez, que o espaço educa” (2001, p.77). Um espaço que deve ser previamente elaborado, confortável e possibilitador da formação integral do aluno e coadjuvante ao desenvolvimento do cidadão inserido na sociedade pela consciência crítica.

4 O ESPAÇO FÍSICO PARA A DISCIPLINA DE ARTE

Pretendeu-se, neste trabalho, organizado e executado na Escola, uma mudança de olhar para a necessidade da implantação da sala de Arte, pois, a disciplina relaciona-se diretamente com o espaço e deve possibilitar a experimentação no fazer artístico, no espaço-tempo, na obra e na fruição, totalmente integrados às concepções expositivas e na aprendizagem interativa.

Fundamentando essas concepções, MOGNOL (2007, p.128) confirma que para o trabalho com Arte não pode haver passividade na concretização da educação estética, por meio do trabalho de apreciação, fruição e produtividade. Destaca também que o espaço educa e que a arquitetura, o mobiliário, os acessórios e o entorno, são fundamentais para a estimulação, significação e a comunicação desenvolvidas pela manifestação artística.

Para a concretização dessas concepções a autora faz sugestão da instalação de laboratórios de linguagens artísticas com disponibilidade de recursos materiais,

físicos e de equipamentos adequados à percepção, ao estímulo e ao significado para o aluno. Espaços flexíveis e versáteis possibilitadores da criatividade, da ludicidade, da interação e do respeito à diversidade, sem esquecer-se do espaço externo.

Deste modo, a sala de Arte é um exemplo de espaço produtivo e dinâmico, que desenvolve estruturas mentais no educando, propicia as relações humanas, favorecendo a integração das diversidades e da cultura existente, permitindo a percepção de si e do outro, aproximando e inserindo.

Para concretizar esse tipo de espaço educativo, são necessários muitos estudos de ordem pedagógica, construtiva, legislativa e financeiro-administrativa.

Quanto aos aspectos construtivos fundamentais para a realização dessas concepções, constatou-se que a construção arquitetônica, a ergonomia e a engenharia, devem ser integradas favoravelmente à elaboração de um ambiente considerado “ideal” para o ensino da Arte, pois num ambiente propício, o aluno, aprimorando seu aprendizado através de um espaço condizente à prática artística, desenvolve suas percepções com maior fluidez e funcionalidade, produzindo mais e melhor o conhecimento.

Não foi ao acaso que este projeto foi escolhido pelos professores PDE/Arte presentes na oficina de Arte do I Encontro de Área/PDE/2008, para representá-los em plenária realizada no mês de Junho, no Auditório Rubens Correia em Faxinal do Céu. Na oportunidade ocorreu uma simbiose com o mesmo, na identificação com a busca de um lugar para si e para a disciplina, ao representar a base para a concretização do fazer artístico e a necessidade iminente de uma classe de professores que têm o compromisso de buscar, cotidianamente, a valorização da disciplina nos diversos contextos educacionais em que estão inseridas, uma forma de representação da Arte como conhecimento no currículo, um exemplo de apoio da direção e fonte de iniciativa dos professores de Arte da instituição de ensino.

4.1 A LEGISLAÇÃO

Tratando das reflexões e análises críticas decorrentes da pesquisa, é importante lembrar como a legislação vigente trata a disciplina de Arte. Pelo artigo

26, parágrafo 2º da Lei nº 9304/06, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes da educação nacional, à luz da Lei nº 5692/71, o ensino da Arte manteve o caráter obrigatório na Educação Básica, porém, enfocando a promoção do desenvolvimento cultural dos alunos e a mudança da Arte de mera atividade para uma disciplina componente da Base Nacional Comum na Matriz Curricular.

Na proposta de regulamentação da Lei nº 9394/96, o Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, emitiu o Parecer nº 05/97 de 07 de maio de 1997, indicou que não apenas os limites da sala de aula como caracterizam uma atividade escolar, mas, também, a programação contida na Proposta Pedagógica que tenha frequência e orientação do professor. Este Parecer norteou a regulamentação pelo Conselho Estadual de Educação do Paraná - CEE, que orientou:

As atividades escolares se realizem na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leituras, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando à plenitude da formação de cada aluno. (PARANÁ, 1998, p.120).

Percebe-se que a legislação, embora não tenha sido específica, direcionou a interpretação do leitor para a importância da relação do espaço adequado com a disciplina de Arte, visando como educação, a formação integral do aluno.

Quando emitiu o Parecer nº 22/05 de 04/10/05, o CEE afirmou que a Lei nº 9394/96 significou um avanço para a área, pois além da obrigatoriedade e da alteração na denominação “Educação Artística” para “Ensino da Arte”, provocou o entendimento da disciplina como forma de conhecimento e não mais como atividade. Entendimento que trouxe grande desenvolvimento para a área e, que provocou reflexões e mudanças nos cursos de formação de docentes e possibilitou uma visão diferenciada da disciplina como componente curricular. Alteração que marcou um ponto de partida para uma transformação de concepção, de ideologia e até de paradigmas, conforme a visão de currículo já citada.

Quanto a questão do espaço físico para a disciplina de Arte, os Pareceres nº 534/07 e 832/07, ambos do CEE/PR, apesar de enfatizarem a importância do laboratório de Ciências, Física, Química e Biologia, valorizando a área de exatas, referiram-se à necessidade de equipar todos os estabelecimentos de ensino com

estruturas adequadas, professores habilitados e recursos suficientes para a manutenção, não exigiram o espaço físico para a área de humanas, mais especificamente para a disciplina de Arte. No Parecer nº 95/99-CEE, decorreu um questionamento ao mantenedor quanto as condições das escolas estaduais para a efetivação do reconhecimento legal, e previu a qualidade de ensino democrático, mencionando o cuidado para que não aconteça o sucateamento das escolas públicas. Entendeu-se, com essas questões, que esta responsabilidade não seria apenas do Estado, mas também da comunidade, principalmente a escolar. Ao dar ênfase apenas ao papel do Estado ficou cômodo responsabilizá-lo.

Como a legislação não tem sido clara e não há investimento expressivo para o desenvolvimento da disciplina, ocorreu indução ao aligeiramento das aulas de Arte. O Parecer nº 832/07-CEE indiretamente afirma que todas as áreas podem ser beneficiadas, como segue:

“Assim, fica explícito que o mencionado Parecer deste Conselho Estadual de Educação, jamais afirmou ou indicou, mesmo que implicitamente, a não necessidade do laboratório de Ciências, no Ensino Fundamental. Pelo contrário, afirma sua necessidade e sugere também, outros espaços para complementar as possibilidades de experimentação realizada pelos alunos” [grifo nosso] (PARANÁ, 2007, p.8).

Espaços diferenciados enriquecedores da aprendizagem como salas - ambiente. E neste caso, pode ser enquadrada a questão do espaço para Arte.

Identifica-se a instalação de quadras desportivas para a disciplina de Educação Física e do laboratório de informática para diferentes usos, mas para Arte não há contemplação e quando são oferecidos espaços para a área, são locais pequenos, sem ventilação, sem iluminação e com mobiliários inadequados, geralmente em porões, sótãos ou no fundo da instituição escolar. Identifica-se também para os que têm um espaço físico, que a troca de gestão e de entendimento pode ocasionar a perda deste local. É importante destacar que o ensino da Arte necessita do espaço adequado para o trabalho prático, assim como, as outras disciplinas necessitam da experimentação para concretizar conceitos teóricos e buscar o novo.

5 A ENQUETE COM PROFESSORES DE ARTE DA REDE ESTADUAL DO PARANÁ

Para subsidiar as discussões, partiu-se das reflexões sobre a necessidade de valorização da disciplina. Em 2009 foi realizada pesquisa de dados, como parte da implementação do projeto de intervenção para o PDE, com a participação de cinquenta e oito professores, sendo: trinta e nove professores PDE/Arte/2008, dois do Grupo de trabalho em Rede, cinco do Grupo de Estudos da Faculdade de Artes do Paraná e dois do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo – Ensino Fundamental e Médio, por meio de questionário virtual e presencial, totalizando a abordagem de setenta escolas da rede Estadual. Estabeleceu-se comparação das realidades de duas escolas rurais e sessenta e sete urbanas, com o Colégio supracitado e identificou-se a situação da disciplina de Arte no cenário paranaense.

De forma virtual, via email, e presencial nos encontros pessoais, foram elaboradas sete questões objetivas para captação de dados e duas subjetivas para possíveis comentários e contribuições.

Por meio deste processo, que coadunou com a implementação realizada, foi possível comprovar fatos concretos de grande relevância para a educação no Paraná, quando apontou para a necessidade de maior investimento na área de Arte.

Levantamento que é um alerta, é também uma forma de buscar atenção para a realidade e uma evocação aos colegas da disciplina para assumirem o compromisso de buscar o seu espaço na instituição de ensino de atuação.

Com a primeira e segunda questões, foi abordada a existência de um espaço condizente para a condução do trabalho pedagógico na instituição de ensino e no município de residência do professor entrevistado:

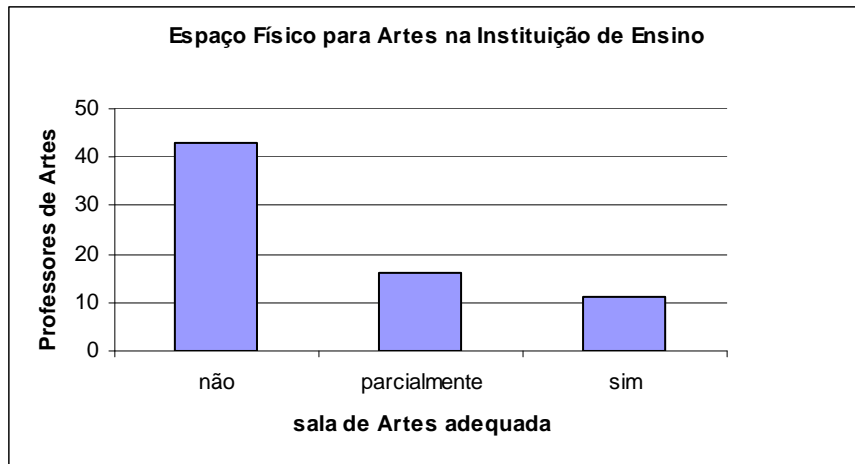


Gráfico 1

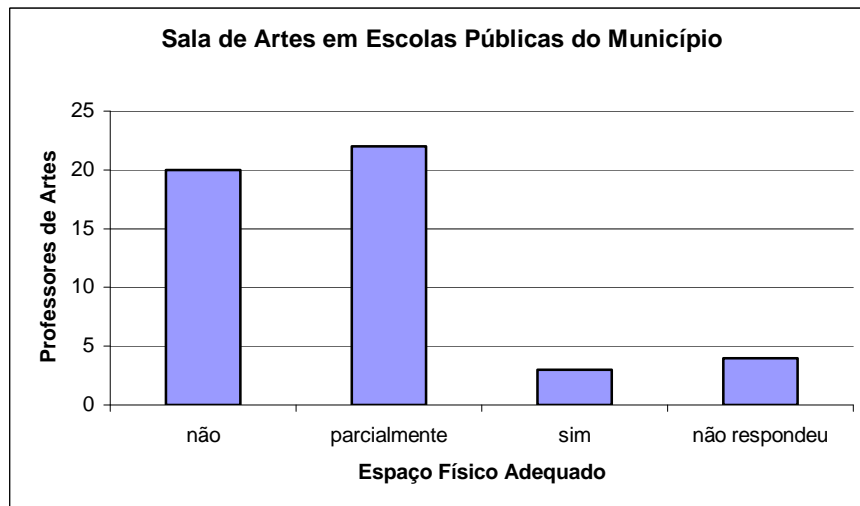


Gráfico 2

Como pode-se concluir, das setenta escolas pesquisadas, apenas onze apresentaram instalações adequadas para o trabalho com Arte. Compreendeu-se que existe um despertar para o problema, começaram a acontecer discussões a esse respeito, mas ainda bastante desconexas no sentido da aproximação de uma transformação. Observa-se as afirmações a seguir: “No caso específico da minha escola o principal problema é que todo espaço acaba sendo ocupado devido ao excesso de alunos, a SEED autorizou a construção de mais seis novas salas, uma prevista para Arte, mas, infelizmente, ainda está só no papel” (Professor 1).

Como questão de prioridade, este número reduzido de espaços físicos tem representação. Tende a ser ampliado, desde que não se espere a iniciativa da mantenedora. É necessário que a comunidade escolar e os gestores partam em busca de melhores resultados por meio da forma participativa.

Como o ocorrido com o Colégio Estadual Francisco Azevedo Macedo – Ensino Fundamental e Médio, pesquisou-se novas possibilidades de organização, como a transformação de um espaço ocioso em um espaço educativo.

Nas terceira e quarta análises, essas questões foram relacionadas às instalações existentes nas escolas e às possibilidades de adequação para a disciplina de Arte:

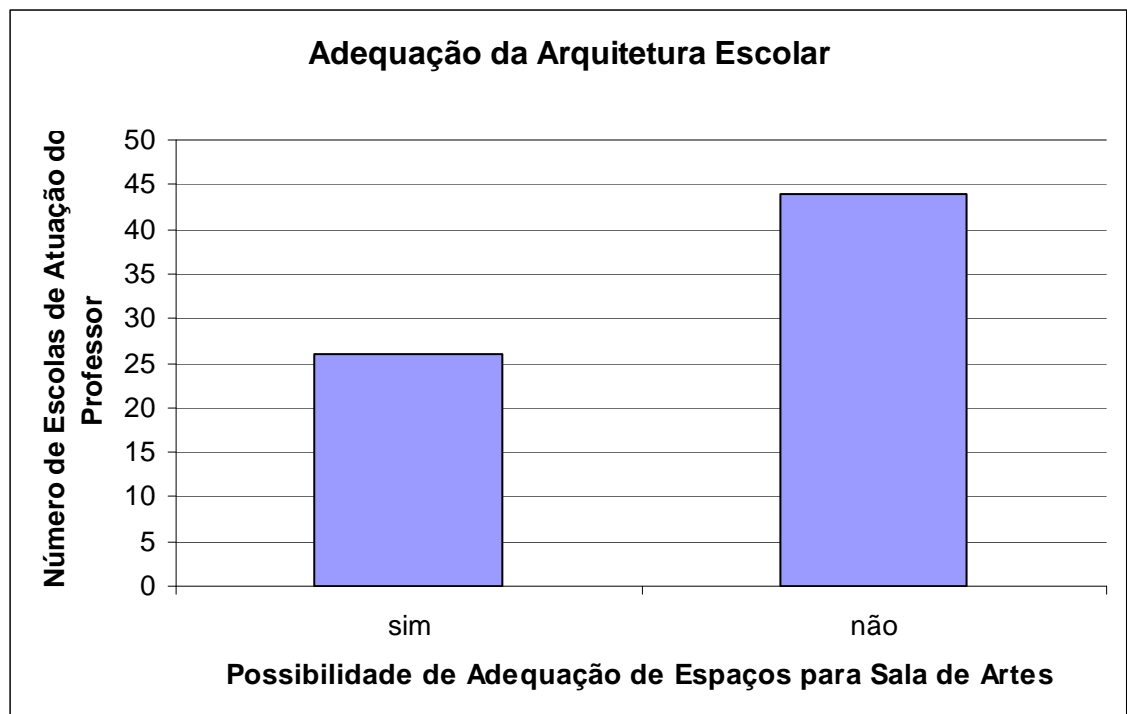


Gráfico 3

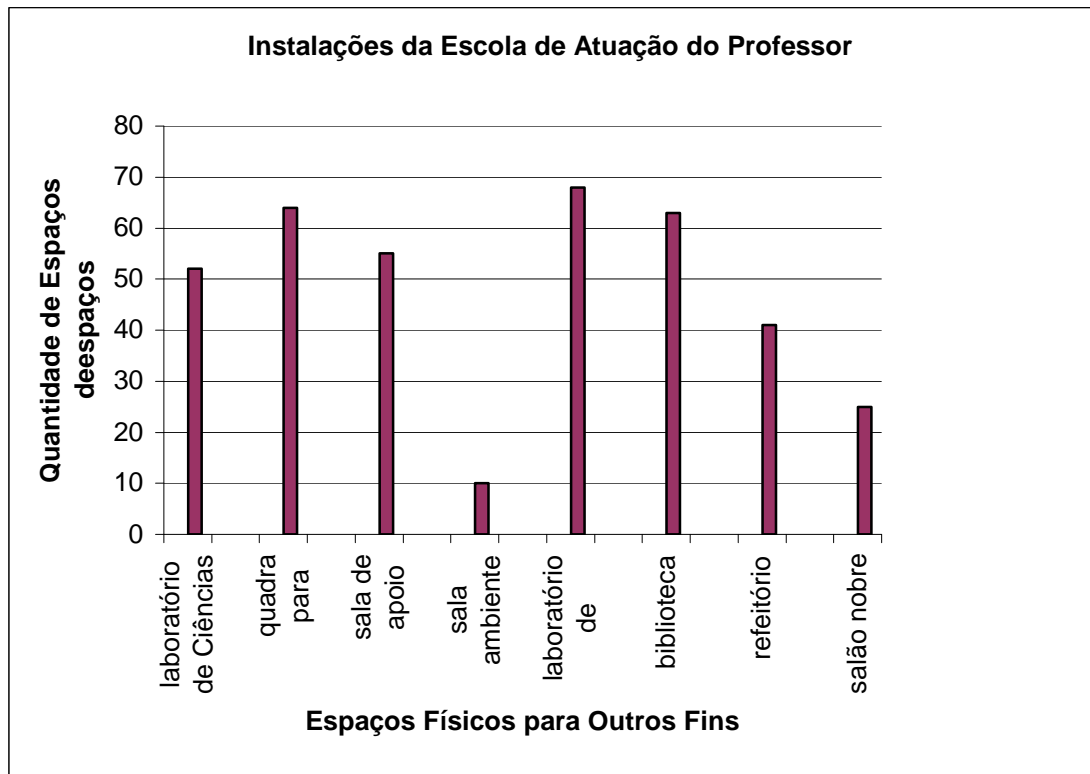


Gráfico 4

Nos demonstrativos acima, constata-se que muitas escolas são construções antigas e não têm possibilidade de expansão ou de adequação, seus espaços já estão ocupados para outros usos, seus terrenos não permitem novas construções ou seus prédios estão condenados necessitando de reformas ou de demolição. O Estado tem construído novas unidades escolares, mas poucas foram contempladas com esse espaço físico. Percebe-se que essas realidades são de grande importância para se repensar as situações, como ocorre a seguir: “As salas de Artes, quando temos, são usadas para outras coisas quando necessário, sala de vídeo ou sala de apoio” (Professor 2). “... já tive sala de Artes, fiquei sem por falta de espaço” (Professor 3).

Para estas escolas está claro que só há contemplação desse espaço quando há sobras na arquitetura. Não há conscientização dos gestores nem da mantenedora para a valorização desse ensino. É importante saber a importância da disciplina e suas especificidades e ter clareza da necessidade do espaço físico para que ocorram mudanças:

Esta escola não oferece nenhum tipo de material ou oportunidade para realização das aulas de artes, percebo que de maneira geral o trabalho

com artes é bastante desconhecido de toda a comunidade escolar, tanto por parte dos alunos quanto da equipe pedagógica e direção. Este é o primeiro ano que estou lecionando neste local, sei que preciso de um tempo para ir mudando essa cultura. (Professor 4).

Argumentou-se também, sobre a conservação das escolas, questão 5, e observou-se que o professor de Arte percebeu a sua escola sob uma ótica própria de ver a arquitetura, ficando esta questão de caráter subjetivo, e o trabalho tenha apresentado resultados bastante positivos: quarenta escolas estão bem conservadas, dezoito em estado razoável de conservação e doze mal conservadas, percebe-se esta questão no relato do professor: “Na primeira escola, em que temos sala de Arte (parcialmente), a mesma encontra-se em péssimo estado de conservação. Já na segunda escola, onde não temos uma sala de Arte, a conservação é boa porque foi reformada recentemente” (Professor 5).

Mesmo nas escolas bem conservadas, identificou-se o cotidiano do professor com as questões 6 e 7, pois aqui foram pesquisadas as influências dos recursos materiais e equipamentos disponíveis para a promoção do trabalho pedagógico e que estão diretamente relacionados com a sala de Arte:

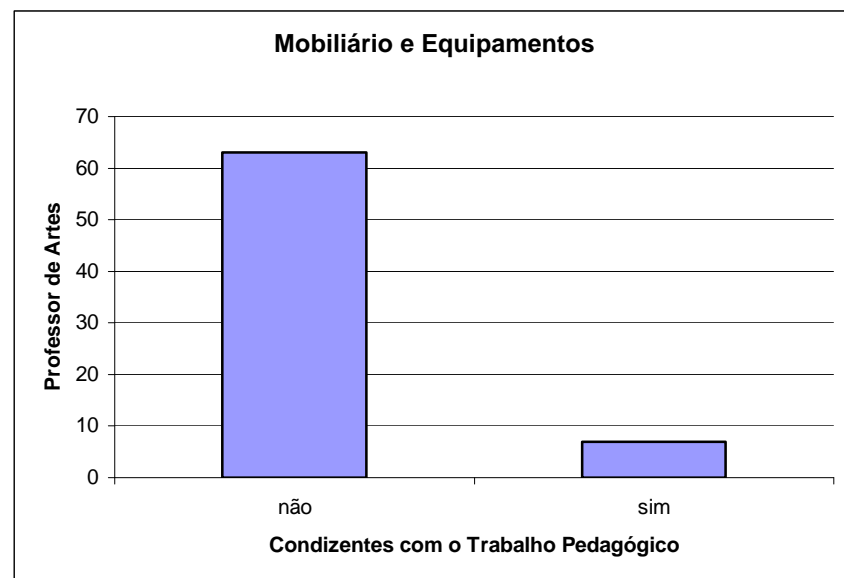


Gráfico 6

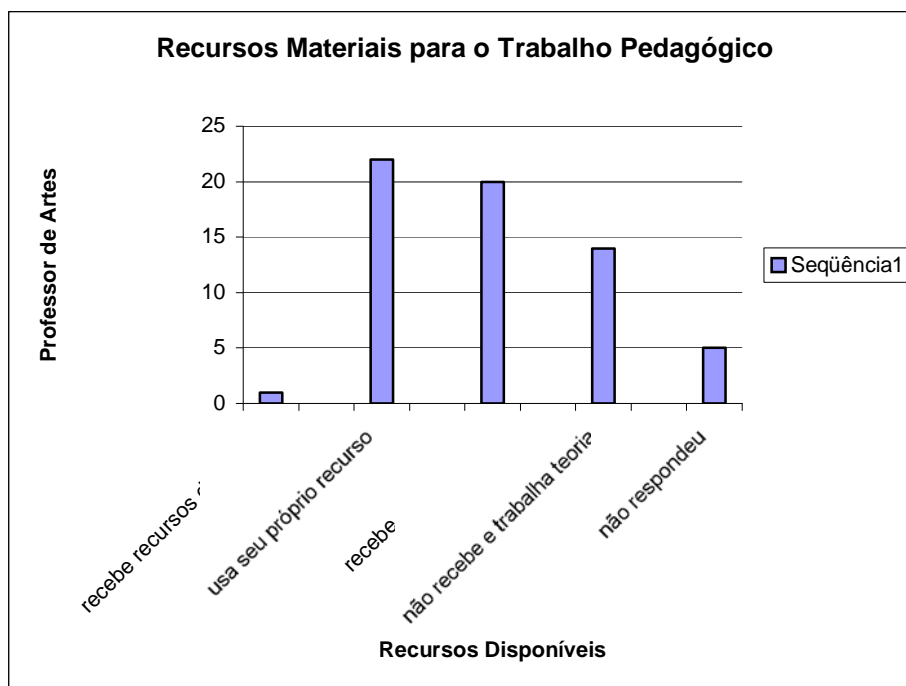


Gráfico 7

Constata-se que há necessidade de se repensar: desde o mobiliário escolar, que para a promoção do desenvolvimento do aluno, necessitam de mesas e cadeiras com mobilidade de novas composições e de investir-se em equipamentos, que como recursos didáticos enriquecem e facilitam a compreensão do plano curricular. Sugere-se um mural para exposições; retroprojeter para apresentação de imagens; tv multimídia; computador; pranchas com imagens entre outros; bem como, adquirir-se materiais possibilitadores da experimentação prática do aluno, pois o professor não pode ficar limitado ao trabalho teórico por falta de recursos. A sala de Arte deve ser promoção das vivências pessoais e interpessoais para a construção do conhecimento.

Este espaço também pode ser utilizado por outras disciplinas e pela própria comunidade para o trabalho do estudo, da prática e do comunitário, sem prejudicar a carga horária destinada ao ensino da Arte. Há grande contribuição no processo social, se o espaço for utilizado com a concepção democrática, como explica DENARDI:

Existe ainda uma aura de erudição e especialização que envolve a arte. Como se arte, essa expressão intensa do espírito humano, fosse uma

atividade apenas para um grupo seletivo de pessoas ou um mero produto com um “valor de mercado”. Mas não. Ela é para todos, tanto no sentido da produção quanto da recepção. E a escola tem papel fundamental na tentativa de mostrar o quanto democrática a arte é, ou deveria ser. (DENARDI, 2009, p.5).

A escola como fonte de democracia, sua infra-estrutura a serviço da sociedade e da cultura, o espaço arquitetônico a serviço da formação humana e a Arte como o elo para a cidadania e o conhecimento, são questões de grande relevância para o processo harmônico de construção da humanidade.

6 CONSTRUINDO UM ESPAÇO PARA O ENSINO DA ARTE

Como primeiro passo da implementação, em 2008, sob a orientação da professora Ms Marília Diaz³, coordenadora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, estabeleceu-se contato com os gestores, professores de Arte e equipe pedagógica do Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo – Ensino Fundamental e Médio, para definir o objeto de estudo do projeto de intervenção a ser realizado para o PDE. Cabe destacar que naquele momento não havia clareza do tema a ser trabalhado.

Em contato com a direção do estabelecimento de ensino e com a professora de Arte identificou-se as expectativas em relação ao projeto e os interesses específicos. Este momento foi fundamental para o estabelecimento de relações interpessoais, de envolvimento com a comunidade escolar, o que possibilitou um estudo diagnóstico da instituição de ensino e do entorno. A partir da demanda, o tema escolhido foi a implementação de uma sala de Arte no Colégio.

Destarte, ocorreu em caráter excepcional a implementação deste projeto, por se tratar da construção de um espaço para a disciplina de Arte, extrapolando os limites da sala de aula e o contexto pedagógico e depender da aprovação de gestores, da comunidade escolar e de assessores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba - NRE, para ter definição de cedência do espaço a ser projetado. Foram

³Marília Diaz, orientadora PDE, mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pela UFPR e Psicodrama Pedagógico pelo Contexto, graduada em Educação Artística pela Faculdade de Artes do Paraná – FAP e Pedagogia pela Universidade Tuiuti de Curitiba.

ofertados em três momentos, três espaços diferentes. O primeiro no ano de 2008 com 27,72 m² para adequação de acordo com o entendimento da direção, o segundo, no início de 2009 com a mudança da direção do Colégio, com 50,88 m² para reformar três salas ociosas e o terceiro, a partir de março de 2009 com 34,00 m² no mezanino do salão nobre, conforme orientação dos assessores de NRE.

A cada alteração ocorrida foi necessário, além de novas discussões com as gestoras e professoras de Arte do Colégio, reiniciar estudos, fotografias, representações gráficas em planta baixa (Fig. 1), elevações (Fig. 2) e principalmente perspectivas (Fig. 3), retomar orçamentos realizados por profissionais da área de construção, bem como, modificar processos enviados à mantenedora, com solicitação de recursos financeiros e materiais para a efetivação do objeto de estudo:

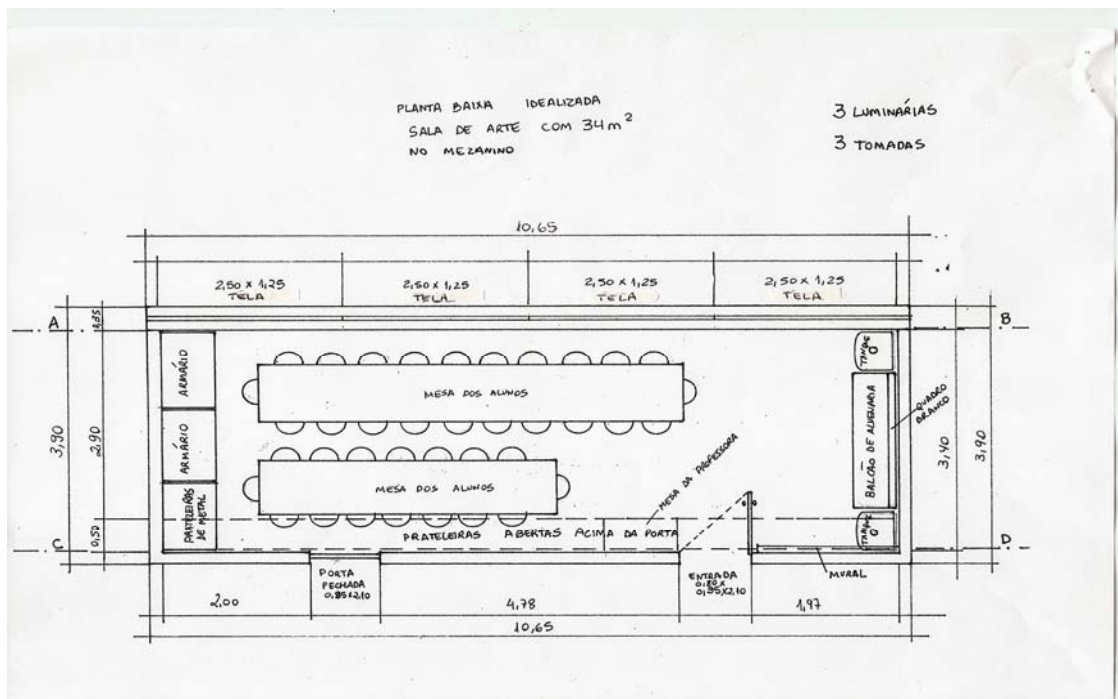


Fig. 1. Planta baixa do Mezanino idealizando a sala de Arte (KRAUZE, 2009).

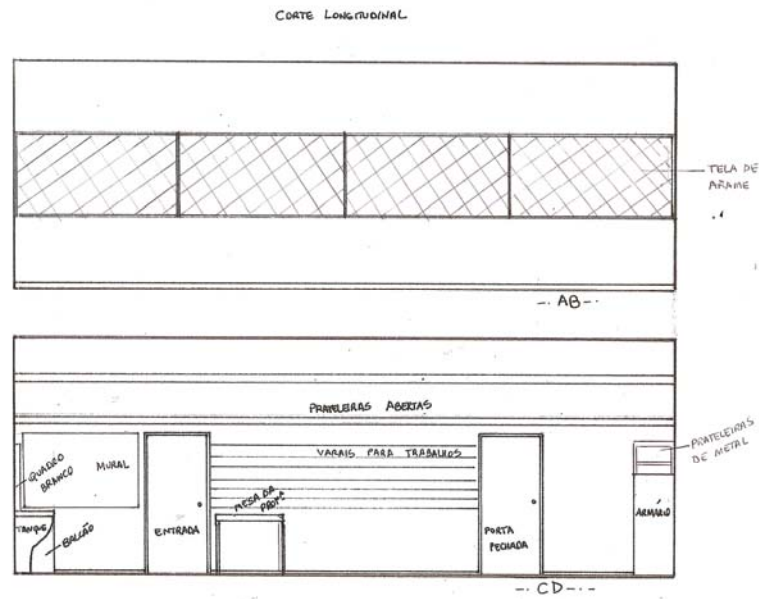


Fig. 2. Elevações idealizadas para a sala de Arte (KRAUZE, 2009).

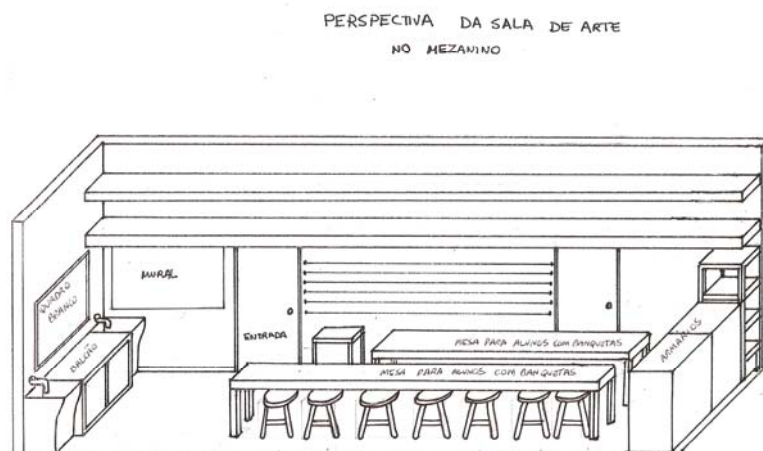


Fig. 3. Perspectiva idealizada da sala de Arte (KRAUZE, 2009)

Simultaneamente, todos os dados registrados nortearam os procedimentos e as representações necessárias: a pretensão do espaço a ser projetado, as dimensões possíveis, a quantidade de pessoas que ali iriam habitar, as relações sociais, o contexto escolar no entorno, a natureza humana envolvida, o local disponibilizado e a busca de profissionais das áreas da Arquitetura, Engenharia,

Design e da Arte para a realização de estudos quanto aos aspectos construtivos e ergonômicos para a sala, bem como dos recursos disponíveis.

Ao longo da implementação, também foi realizado um trabalho de enriquecimento pedagógico com as professoras da disciplina, por meio da leitura e discussão de textos de vários autores da área, do projeto e do caderno temático, ambos produzidos em 2008, para fins de conscientização, fundamentação teórica e melhoria do ensino da Arte no Colégio. De objetivo semelhante, foi realizado o trabalho virtual de capacitação com professores da rede estadual, junto ao Grupo de Trabalho em Rede – GTR⁴, para que essas discussões desenvolvessem contribuições também para outros estabelecimentos de ensino do Paraná.

Ao mesmo tempo, dois processos foram protocolados a partir de março de 2009, via NRE de Curitiba, no sistema de acompanhamento da Secretaria de Estado da Educação – SEED, pertencente ao Protocolo Geral do Estado, que em média tramitam por três anos nos vários departamentos responsáveis por cada detalhe e natureza do processo.

Desta forma, foram necessárias análises processuais e emissões de pareceres em cada setor competente da SEED. Para este projeto, devido ao tempo disponível para o encerramento do PDE e como forma de intervenção pessoal da pesquisadora junto aos assessores dos departamentos, conseguiu-se agilizar esses trâmites no tempo hábil de cinco meses e os recursos foram entregues à direção do estabelecimento de ensino em julho de 2009. Destaca-se aqui, que não houveram influências políticas, mas que estabeleceu-se o diálogo e a persistência, por meio da conscientização, argumentação e contato constante. Entendeu-se que a busca de recursos financeiros, a burocracia e o tempo representam grandes dificuldades para o professor da disciplina de Arte, mas que com dedicação e muita persistência, deixam de ser impeditivo para a realização.

Estudou-se as questões ergonômicas, concluindo-se que as dimensões do espaço relacionam-se diretamente com o número de alunos, mobiliário adequado, equipamentos e circulação disponível. Aprendeu-se que além das medidas também tem importante destaque o conforto do aluno, pois a sua atenção e produção está

⁴ “O Plano de Trabalho do PDE, constitui uma proposta de intervenção na realidade escolar, a ser estruturada a partir de três grandes eixos: a proposta de estudo – que será desenvolvida ao longo de dois anos -, a elaboração de material(is) didático(s) – para uso nas escolas - , e a orientação de Grupo(s) de Trabalho em Rede – que envolve o conjunto dos professores da rede pública estadual” (PARANÁ, 2008).

diretamente relacionada à sua carteira escolar que segue uma norma padrão⁵ já definida pela legislação, mas nem sempre adequada à faixa etária, estatura dos alunos ou à finalidade de utilização. Além das medidas, outros aspectos arquitetônicos estão interligados para obter-se um ambiente favorável.

Nos estudos sobre a iluminação e a cor, constatou-se que a luz tem grande importância para a percepção da cor, que integradas favorecem a aproximação entre o sujeito e o ambiente. O corpo humano recebe influências física, emocional, experimental, simbólica, psicológica e cultural ao perceber a cor, e é extremamente adaptável às transformações, por isso, um ambiente com pouca iluminação é prejudicial à saúde física e mental do aluno. Levando-se em conta a quantidade de luz, o tempo de exposição, o contraste de figura e fundo, e a cor, não ocorrerá fadiga visual. Elementos importantes ao projetar-se um ambiente equilibrado para o aumento da concentração do aluno sobre a tarefa, mas que se relacionam com outros de mesmo valor.

Quanto à ventilação, a temperatura ambiente e os ruídos, compreendeu-se que em ambientes escolares, a renovação do ar é imprescindível. Um ambiente sem ventilação, extremamente frio ou sob influência de ruídos, provoca sensações ruins como o desânimo e/ou agitação, dores, desequilíbrio e prejudica o processo de comunicação, a aprendizagem e até a saúde do indivíduo.

O espaço arquitetônico é muito complexo, cada aspecto deve ser minuciosamente estudado desde as projeções iniciais até as conclusivas.

Pesquisou-se também o estilo e localização das portas e janelas a serem utilizadas: portas de correr, metálicas, de vidro duplo, janelas basculantes, compostas, de vidro temperado, entre outras. Entretanto para a devida seleção foi necessário conhecer a arquitetura, a disposição do mobiliário, a funcionalidade do ambiente e o plano de trabalho. Atentou-se para a necessidade da instalação de pelo menos um tanque para o umedecimento do material necessário às práticas e à limpeza do mesmo. E, para não haver contaminação do manancial de águas, a necessidade de uma caixa de decantação, como impedimento da passagem de detritos e de outros materiais poluentes.

⁵ No Paraná, essas normas seguem a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, de acordo com as diferenças dos alunos, e da Secretaria de Estado da Saúde, que emitiu a Resolução nº 318/02 de 31 de julho de 2002, que aprovou a norma técnica que estabelece exigências sanitárias para as instituições de Ensino Fundamental, Médio, Superior e Cursos Livres, e, apontou para a sala de uso múltiplo uma estrutura mínima – referência que inclui a sala de Arte.

Concordou-se que o mezanino não era o espaço ideal para a construção, pois apresentava falta de janelas para a ventilação e iluminação, suas cores eram escuras, não tinha instalação hidráulica para a instalação do tanque e da caixa de decantação, não apresentava segurança para os alunos e o seu espaço era reduzido, porém era o espaço real disponibilizado e permitido pelos gestores. Como o espaço possibilitava o início da transformação de paradigmas nesta instituição de ensino e representava a vontade do coletivo, optou-se em dar continuidade ao projeto. Esta adequação era significativa para o reconhecimento e identidade da disciplina e significado de valorização para o trabalho do professor de Arte e da área do conhecimento.

Partindo-se para a construção, o piso de taco foi substituído por cerâmica antiderrapante do tipo PI 5 (piso mais resistente encontrado no mercado), na cor branca; as paredes que eram da cor azul em tons escuros foram pintadas nas cores brancas e marfim com um detalhe em laranja; foram adicionadas quatro luminárias de acordo com as normas da vigilância sanitária, visando maior iluminação e segurança.

Para melhor aproveitamento do espaço foram substituídas as portas comuns por duas portas de correr reforçadas; no vão que era a única possibilidade de ventilação, sem permitir janelas de vidro, foi adaptada tela de aço reforçada por armação de ferro, visando a segurança dos alunos.

Foram instalados dois tanques separados e duas caixas de decantação, além da instalação hidráulica, favorecendo a limpeza de materiais e a circulação dos alunos, bem como, a pintura da parede com tinta impermeabilizante para evitar a infiltração da umidade; foram colocadas duas prateleiras abertas de madeira sobre as portas para armazenar os trabalhos realizados pelos alunos e alguns materiais, além da possibilidade expositiva. Foram instaladas também, três pontos de tomadas.

Quanto ao forro, não houve necessidade de trocas ou pinturas, pois apresentava ótimo estado de conservação.

Em resposta à solicitação de mobiliário e equipamentos, a instituição contou desde junho de 2009, também com a aquisição de quarenta e cinco cadeiras, duas prateleiras de aço e oito mesas tipo professor. Uma vez que os depósitos da Superintendência de Desenvolvimento Educacional – SUDE/SEED estavam dependentes de licitação, o atendimento foi complementado com seis mesas de

laboratório de informática, cedidas pelo responsável do Núcleo de Informática e Informações da SEED.

Cabe destacar, que para a montagem final da sala, tomaram parte alunos que demonstraram pré-disposição ao uso do ambiente, bem como de alunos que se dispuseram a transportar o mobiliário. Quanto ao *layout* da sala de Arte, houve sugestões de docentes envolvidos com a disciplina e da direção, na forma de participação coletiva reforçando os pressupostos da pesquisa-ação.

Observou-se, como o já citado, que o mobiliário seguiu um modelo padrão salas regulares de ensino e não foi específico para a sala de Arte, foi adaptado às necessidades imediatas tendo grande utilidade para os fins a que se destinava. O ideal seria construir a sala com um mobiliário apropriado. Sugere-se mesas inclináveis e cadeiras adaptáveis ao tamanho do aluno.

É importante citar, que houve integração deste projeto com outro de conclusão do curso de Design, realizado por uma das professoras de Arte do estabelecimento de ensino e sua equipe, que reciclou um armário de duas portas, compôs seis banquetas estofadas coloridas e uma mesa grande para uso dos alunos.

Com a conclusão desta montagem, partiu-se para a solenidade de inauguração da sala de Arte, no dia 05 de novembro de 2009. Esta ação foi realizada, inicialmente no salão nobre do Colégio, com a apresentação de exposição de todo o processo do projeto PDE, para representantes de diversos setores da SEED: SUDE, Departamento de Educação Básica e NRE de Curitiba (Setor Pedagógico), bem como, da Coordenação do PDE da Universidade Federal do Paraná e membros da comunidade escolar. Abrilhantada pela encenação do grupo de artes cênicas desenvolvido na instituição, partiu-se após, para a visita ao local. Cabe destacar, que este acontecimento desencadeou a divulgação do projeto no site do Portal Educacional do Estado do Paraná⁶, permitindo o acesso e a ciência de todos os professores da rede estadual e comunidade.

Este espaço que permitiu a condução do trabalho pedagógico do professor para a inovação, sem perder o foco, conquistado com grande dedicação. Foi apenas um ponto de partida para o reconhecimento da disciplina, ficando dependente do

⁶ www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/

compromisso e envolvimento que os profissionais dedicarão à educação e ao estabelecimento de ensino no presente e para as futuras gerações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo desenvolvido desdobrou-se em reflexões e questionamentos fundamentais nesta pesquisa, que extrapolou os limites do aspecto construtivo material para maior análise e compreensão da Arte e sua situação no contexto educacional.

São questões que permitem grandes discussões na sociedade, uma vez que a legislação não é explícita e não há investimento expressivo para a disciplina de Arte, ficando a mercê da consciência, das possibilidades dos gestores das escolas e do interesse dos representantes legais, ocorrendo a indução ao sucateamento e aligeiramento das aulas.

Há um longo caminho a ser percorrido, desde a conscientização da comunidade escolar até as mais altas instâncias envolvidas com o ensino da Arte. Uma regulamentação adequada já possibilitaria maior valorização e reconhecimento da área no contexto educacional.

Nessa integração entre teoria e prática, como sinônimo de qualidade educacional, percebeu-se que, ainda que existam indícios da valorização do ensino da Arte, há certa resistência à sua importância para a educação. Embora, com menos preconceito, ainda existe uma fixação sobre antigas concepções que marcaram a história desta disciplina.

Espera-se que com os resultados alcançados, esta pesquisa possa ser exemplo positivo para outros projetos, servindo de alerta à comunidade escolar e aos órgãos responsáveis pelo processo educacional e venha a enriquecer o trabalho do professor de Arte na instituição. Salienta-se que o levantamento do estado da Arte e da falta de espaço físico não tem só um carácter diagnóstico e de constatação, mas sobretudo de visão democrática e de disseminação.

Os docentes e os gestores precisam ter compromisso fortalecido, para enfrentar o fato da sala de Arte não ser prioridade e para que o preconceito possa ser extinto em nome do bem comum, como necessidade emergente.

É importante destacar que por meio de muito esforço, conquistou-se espaço físico e político. Transpondo-se a burocracia e enormes desafios é que se chegou a resultados positivos e ao sucesso de um projeto realizado. Novos desafios surgirão e é assim que acontece o desenvolvimento do ensino das Artes Visuais na Educação Básica.

Quando existe um senso comum entre os teóricos e professores, sobre o tema da necessidade do espaço físico para a qualidade educacional em Arte, é recorrente da veracidade comprovada pela pesquisa científica, bem como, pela prática do cotidiano escolar. Para o Colégio fica um espaço concreto para o ensino da Arte, a construção da sala de aula. É necessário demarcar território e construir ainda um espaço mais importante: o lugar do ensino de Artes Visuais no currículo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Do parecer no tocante à solicitação do termo que designa a área do conhecimento “Educação Artística” pela designação “Arte, com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro”. Parecer normativo nº 22, de 04 de outubro de 2005. Relator: Neroaldo Pontes de Azevedo. DF. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Do parecer no tocante à proposta de Regulamentação da Lei 9394/96 do Parecer normativo nº 05, de 07 de maio de 1997. Relator: Ulysses de Oliveira Panisset. DF. **Diário Oficial da União**, 16 mai. 1997.

BRASIL. Lei nº 9394/96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional. São Paulo: Editora do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996.

BORGES, Rose Mary Aguiar e SERRÃO, João Henrique Verly. **As Linguagens Artísticas e a Pesquisa em Artes**. In: Ribeiro, José Mauro Barbosa (Org.). Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: anais do XV Confaeb - Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Coleção educação para todos; v.11, 360 p.

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. **Cenário da arquitetura da arte: montagens e espaços de exposições**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Todas as Artes).

DENARDI, Christiane, Relações entre a função social da arte e o ensino da arte nas escolas. In: **Revista de Educação do Colégio Medianeira**, Curitiba, Ano III, nº 9, p. 4-7, 2007.

DIAZ, Marília. **Como montar um espaço educativo em artes visuais?** Apostila elaborada para o Departamento de Artes da UFPR, Curitiba, [200-]. Apostila digitada.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba: Editora da UFPR, v. 181, n16, p.181-191, 2000.

ESCOLANO, Agustín. **A arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo**. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2ª edição. RR: DP&A, 2001. 152p.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Traduzido por: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. 2. ed. Ver. e ampl. São Paulo: E. Blücher, 2005.

MOGNOL, Letícia Coneglian. **A arquitetura do espaço escolar: um espaço/lugar para a arte na educação**. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). Linguagens da arte na infância. Joinville: UNIVILLE, 2007. p. 118-128.

MORO, Antônio Renato. **Ergonomia na sala de aula: constrangimentos posturais impostos pelo mobiliário**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 85, jun. 2005. Disponível em: <<http://efdeportes.com>> Acesso em: 07/07/08.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios, locais e utensílios**. Traduzido da 21. ed. Alemã. 5. ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1976. xvi, 431 p. ilustr.

ORMEZZANO, Graciela. **A linguagem visual na educação especial**. Revista Centro de Educação, 2006. Caderno n 28. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/02/r8.htm>> Acesso em 15/05/08.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Do parecer no tocante ao pedido de autorização de funcionamento da Educação de Jovens e Adultos: Ensino Fundamental – Fase II e Ensino Médio, presencial. Parecer normativo nº 534, de 10 de outubro de 2007. Relatores: Arquimedes Peres Maranhão e Arnaldo Vicente.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Do parecer no tocante ao pedido de autorização de funcionamento da Educação de Jovens e Adultos: Ensino Fundamental – Fase II e Ensino Médio, presencial. Parecer normativo nº 832, de 07 de dezembro de 2007. Relatores: Arquimedes Peres Maranhão e Carmen Lúcia Gabardo.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Do parecer no tocante ao pedido de reconhecimento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série). Parecer normativo nº 95, de 07 de abril de 1999. Relator: Teófilo Bacha Filho.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Coletânea VII: Legislação da Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008.

_____ **Diretrizes curriculares de arte para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba: SEED, 2008.

_____ Portal Educacional do Estado do Paraná. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/educadores/index.php?msg=&PHPSESSID=2009052022353247>> Acesso em 25 de setembro de 2009.

_____ **Proposta Pedagógica**. Colégio Estadual Dr. Francisco de Azevedo Macedo – Ensino Fundamental e Médio. Curitiba, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde. **Resolução SESA nº 0318**, de 31 de julho de 2002. Aprova a norma técnica das exigências sanitárias para instituições de ensino fundamental, médio e superior, bem como, cursos livres no Estado do Paraná. Curitiba, 2002, p.1-30. Disponível em:
<http://detran.pr.gov.br/arquivos/File/legislacao/Atosdo_diretorgeral/2004/portarias/port031-2004anexo> Acesso em:20/10/2008.

PORCHER, Louis (Org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** Tradução de Yan Michalski; direção da coleção Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1982. (Novas buscas em educação; v.12).

SILVA, Josiane Maria Krauze da Silva. **Sala de Arte: a importância do espaço**. Projeto de intervenção pedagógica na escola elaborado para o Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Curitiba, 2008. Não publicado.

TORTORI, Tito. Cerâmicano. **Ecologia e segurança**. Colaboração do Professor Tito Tortori, ceramista com ateliê no Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://www.ceramicano.com/ecologiaseguranca/ceramistacorreto/ceramistacorreto.htm>> Acesso em 24/05/2008.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 59).

ZEVI, Bruno. Capítulo 2: **O Espaço Protagonista da Arquitetura.** In: Saber Ver a Arquitetura. Tradução de Maria Isabel Gaspar e Gaëtan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Il.;14,8X21,0.